

Título	De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros.
Autor/es	Gláucia de Oliveira Assis Florianópolis, Ed. Mulheres, 2011, 348 p.
Resumo	Resenha por Tuíla Botega
Ano/Edição	Resenha Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo

FRONTEIRAS

Título	Fronteiras
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XVII, nº 48, jan-abril/2004. São Paulo

Título	Frentes de expansão: os novos espaços dos velhos problemas (Entrevista)
Autor/es	José de Souza Martins
Resumo	Entrevista
Ano/Edição	Ano XVII, nº 48, jan-abril/2004. São Paulo

Título	Imigrantes, fronteiras e agricultura nas matas do Vale do Mucuri
Autor/es	Eduardo Magalhães Ribeiro
Resumo	A região era uma mata compacta até os dias de hoje os moradores do alto Jequitinhonha referem-se ao Mucuri como a mata: a floresta atlântica cobria terras muito férteis, úmidas na maior parte do ano, de topografia muito movimentada e bem irrigada por córregos e rios. Dadas a abundância de recursos naturais frutos, madeira, peixe, caça, pedras preciosas, fertilidade - e, ao mesmo tempo, as dificuldades de acesso, essas matas foram os últimos refúgios de muitas nações indígenas, que enfrentaram duros combates, militares e culturais, até desaparecerem nessa nação que convencionou-se chamar brasileiros. Essas riquezas do vale do Mucuri pedrarias, terras férteis e índios para serem preados - atraíram muitos empresários, aventureiros e negociantes para lá. Dentre os empresários o mais famoso foi Teófilo

Ano/Edição	<p>Benedito Ottoni, um misto de empresário, político, visionário e etnógrafo. Na década de 1850 ele empenhou nessas matas suas energias, capitais e esperanças numa Companhia de Comércio e Navegação que teve a duração que permitiram os recursos pessoais e a capacidade de articulação política do empreendedor. Ottoni e a Companhia tentaram navegação, comércio e exploração de madeiras; mas a lógica da autarquia econômica das regiões mineiras e as adversidades da mata derrotaram-no em todas as frentes. Ao final, tentou estabelecer uma iniciativa de colonização na mata, e embora investisse muito esforço e capitais na empreitada, também não obteve sucesso financeiro. Foi, porém, a principal base da sua notoriedade no futuro e será o assunto das páginas seguintes deste artigo. Este artigo analisa alguns aspectos da experiência desses colonos na fronteira agrícola que era na época o vale do Mucuri. Ele é resultado de pesquisas em fontes literárias da região, principalmente monografias e memórias locais, que fornecem um amplo painel desse encontro entre os imigrantes e a mata.</p> <p>Ano XVII, nº 48, jan-abril/2004. São Paulo</p>
Título	A fronteira amazônica no governo Vargas: campanha da borracha e mobilização de trabalhadores
Autor/es Resumo	<p>Maria Verônica Secreto</p> <p>Em linhas gerais, a história da exploração da borracha é conhecida. A borracha estava, desde o fim do século XIX, destinada a transformar-se em um item importante das exportações brasileiras dado o crescimento da produção de veículos com motores de combustão interna que revolucionou a indústria no século XX. A seringueira, árvore de cujo látex se faz a borracha, é originária da região amazônica. Sendo a borracha um produto extrativo, sua exploração apresentava limites, dentre os quais destaca-se o recrutamento da mão-de-obra. Isso condicionava a oferta da borracha que não conseguia acompanhar a crescente demanda. A partir do final do século XIX, mais precisamente no ano de 1892, verificase a tentativa, por parte de Henry Wickham, de se fazer frente a este problema através do contrabando de algumas mudas da hevea brasiliensis para a Grã Bretanha. No Kew Garden, Jardim Botânico de Londres, foi aclimatada e dali transferida para as possessões britânicas no Ceilão e para as possessões holandesas em Java, lugares onde foi cultivada de forma sistemática. Segundo Celso Furtado, podemos</p>

guarani, sempre se destacou por ter criado uma resistência cultural e uma forma peculiar de isolamento nos séculos de convívio com a civilização ocidental. Dos três subgrupos que ocupam áreas no Brasil (os nhandeva, os kayova e os mbya), os mbya se destacam por um radicalismo próprio na forma como seguem as suas tradições. Um meio de distintividade que se exprime pelas denominações “moradores do mato” (ka’ aguygua), “verdadeiros guarani” (guarani ete), acompanha o sentido das suas experiências. O alojamento dos mbya em aldeias livres no litoral do Estado de São Paulo, desde os inícios do século XX, sua posterior inserção em reservas indígenas, a maior parte delas demarcadas nos finais dos anos 80, situam de forma convincente para os seus integrantes o sentido de seguir o passado mediante uma linguagem mítica, um modo de ser designado nhandereko (literalmente significa “nossos costumes”). Os significados da vida e da memória cultural retratam-se como atraentes na medida em que conseguem se opor ao jurua (branco, a civilização); progridem eles por meio de uma expressão própria de valor e de autoestima pessoal e coletiva. Esta dinâmica foi designada ‘guaranidade’, uma representação desse povo expressiva de uma história caracterizada por uma plasticidade adaptativa dos pontos de vista económico e ecológico, sem alterar o ethos e a visão de mundo. Em meu convívio com os mbya nestes últimos quinze anos, através de contactos diversos nas aldeias indígenas do litoral e da capital do Estado de São Paulo, tenho observado como as esferas de poder e de ordenação das tradições vêm sendo constrangidas por um crescente avanço das influências do jurua (branco). O seu radicalismo cultural vem sofrendo influências que antes dos últimos 10-12 anos eram tidas como estranhas, distantes e sob um controle próprio. Em parte as mudanças correspondem a condutas éticas da sociedade envolvente para com os indígenas. Há uma tendência de aceitação das novas emergências, serviços expressivos das políticas públicas. No entanto, a fala dos mais antigos indica uma invasão de influências e são elas consideradas ameaçadoras. Corre-se o risco de ‘deixar de ser índio’, “virar jurua”, dizem eles.

Ano/Edição

Ano XVII, nº 48, jan-abril/2004. São Paulo

Título

A situação dos imigrantes ilegais no continente americano: a contradição norte-americana

Autor/es

Mônica Teresa Costa Sousa Cherem

Resumo	<p>Este estudo procura mostrar a constância com que os direitos humanos dos migrantes sem documentos são continuamente violados, justamente no país em que garante (e que se sente orgulhoso por isso) uma ampla gama de direitos e liberdades individuais. São várias as organizações internacionais, entidades de classe e até mesmo órgãos governamentais (OEA, Anistia Internacional, CITC- Center for Justice, Tolerance and Community) que direcionam suas ações contra a repressão (muitas vezes violenta) exercida pela polícia de fronteira, a Border Patrol. As queixas vão desde detenções ilegais, maus tratos físicos e psicológicos, abuso de autoridade a demonstrações explícitas de racismo e xenofobia. Isso tudo determinado pelo Estado. Este artigo tem por objetivo central analisar o que se chama de ‘contradição americana’, uma vez que os Estados Unidos, que se consideram país livre, aberto a todos, Estado parte em alguns dos mais importantes documentos internacionais de proteção à pessoa humana, toma atitudes marcadamente segregacionistas com relação àqueles que deixam seus países em busca do que a América tem de melhor a oferecer: oportunidades. Em um primeiro momento, será traçado um breve panorama sobre a política de imigração dos Estados Unidos, através da apresentação de dados recentes sobre a migração ilegal, muito mais significativa que a migração ordenada e controlada pelas autoridades governamentais norte-americanas, e considerações sobre as condições que enfrentam os migrantes para atingir seu intento. Posteriormente, serão feitas exposições sobre as ações da Organização dos Estados Americanos (OEA) relativas às questões de imigração, bem como serão apresentados alguns dos instrumentos internacionais relativos à proteção dos migrantes. Por fim, estudar-se-á justamente o que se chama de contradição norte-americana: enquanto os EUA se auto-proclamam arautos da liberdade e das oportunidades, levantam questões ultrapassadas de soberania para dificultar a discussão sobre sua política de imigração, bem como atuam de forma violenta em suas fronteiras a fim de reprimir a imigração ilegal, ao que parece, a qualquer custo.</p>
Ano/Edição	Ano XVII, nº 48, jan-abril/2004. São Paulo
Título Autor/es Resumo	“Estación migratória” – flashes Dirceu Cutti A todo processo migratório de ida, em menor escala, flashes evidentemente, corresponde um movimento de volta. Vale lembrar, por exemplo, que em São Paulo, quando da grande

Ano/Edição	<p>emigração europeia, os próprios imigrantes organizavam fundos para auxiliar os que, sem condições, desejavam retornar. Atualmente, ao movimento de ida de brasileiros para os Estados Unidos, também corresponde um movimento de volta. Volta, porém, que não é financiada pela solidariedade de conterrâneos que lá permanecem, mas pelo governo do país que sonharam alcançar; volta, não dos que o desejam fazê-lo, mas dos que foram capturados pela polícia; volta, que não é migração de retorno, mas deportação! “Os prisioneiros do segundo grupo lê-se em reportagem da Folha de São Paulo de 4 de março de 2004, referindo-se ao desembarque de 251 pessoas deportadas — vieram sem uniformes ou algemas”.</p> <p>Ano XVII, nº 48, jan-abril/2004. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Catarinenses na fronteira</p> <p>Gislene Aparecida dos Santos</p> <p>O fluxo migratório entre países tem-se apresentado como tema dos mais recorrentes nos meios de comunicação, nas agendas dos organismos internacionais e nos debates acadêmicos. O ano 2004 foi pródigo na exposição da imagem de migrantes brasileiros no exterior. O Banco Mundial divulgou que, para o ano 2003, a remessa dos migrantes do exterior para o Brasil chegava a US\$ 5,2 bilhões¹. Em 2004 o Banco Itaú anunciava o acordo com a Moneygram (empresa de remessas eletrônicas), e o Bradesco, no mesmo ano, informava a parceria com o Bank of America; ambos para receber no Brasil as remessas dos brasileiros residentes nos Estados Unidos². Em 2005, a Caixa Econômica Federal noticiou a abertura de uma de suas agências no distrito de Rio Maina, município de Criciúma, ao sul do estado de Santa Catarina. Através de uma parceria com o Banco Português (Bcpbank, em Nova Iorque), a Caixa atenderá as remessas do migrante catarinense nos Estados Unidos³. Em janeiro de 2004, cerca de 200 brasileiros foram deportados dos EUA, dos quais 17 provenientes do sul catarinense; no início de agosto 2005, 301 migrantes irregulares também nos EUA foram repatriados para o Brasil, 199 provindos do Estado de Minas Gerais e 4 da região sul catarinense⁴. Um pouco antes, em dezembro de 2003, a TV Record apresentou documentário dedicado à situação dos migrantes ilegais brasileiros nos Estados Unidos, com cenas vividas em situações de prisão e de deportação. Ao final, depois das imagens sombrias sobre o fracasso da migração, o senador Hélio Costa, com o punho cerrado batendo no peito, afirmava: “Lugar de brasileiro é no Brasil”. Nesses termos, a migração de brasileiros para o</p>

Ano/Edição	<p>exterior, principalmente para os Estados Unidos vai ocupando paulatinamente o debate nacional, representado por distintos discursos: ora a deportação, ora um negócio lucrativo. De certa maneira, a divulgação das remessas que entram no país valoriza a emigração; entretanto, como o fluxo migratório tem-se realizado de maneira irregular, lado a lado ao sucesso migratório se colocam os graves riscos dos ilegais no trajeto migratório.</p> <p>Ano XIX, nº 55, maio-ago/2006. São Paulo</p>
Título	União exogâmicas dos imigrantes bolivianos na fronteira do Brasil
Autor/es	Wilson Fusco; Sylvain Souchaud
Resumo	Neste texto, queremos contribuir para o debate a partir da observação dos comportamentos matrimoniais dos bolivianos no Brasil. Apesar da população boliviana ser encontrada em alguns pontos específicos no Brasil, insistiremos no caso de Corumbá, cidade limítrofe com a Bolívia, situada no estado do Mato Grosso do Sul, onde se observam arranjos matrimoniais diferenciados e para a qual dispomos de uma pesquisa domiciliar realizada em 2006.
Ano/Edição	Ano XXII, nº 63, jan-abri/2009. São Paulo
Título	A Travessia está em travessia
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XXII, nº 63, jan-abri/2009. São Paulo
Título	Ciudad del Este: do comércio de fronteira ao centro de São Paulo
Autor/es	Carlos Freire da Silva
Resumo	A dinâmica comercial de Ciudad del Este é base para muitas representações sobre o Paraguai no Brasil. São imagens pejorativas que associam “do Paraguai” e “paraguaio” a “contrabando” e “falsificação” e pouco informam sobre o próprio desenvolvimento do comércio fronteiriço. Neste artigo, buscamos problematizar estas representações analisando como se deu a formação da dinâmica comercial a partir da reaproximação diplomática entre os dois países, do turismo de sacoleiros e dos fluxos migratórios que ligam Ciudad del Este e São Paulo.
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 74, jan-jun/2014. São Paulo